I Congresso Internacional Multidisciplinar de
CIÊNCIAS DA SAÚDE

USO SEGURO DE MEDICAMENTOS: CONSCIENTIZAÇÃO E PREVENÇÃO DA AUTOMEDICAÇÃO NA COMUNIDADE ESCOLAR

Ingridy Lorrany da Luz Souza
Grupo PET Química, UFCG

Vitória Renata Gomes de Melo
Grupo PET Química, UFCG

Maria Lidiane da Silva Souza
Grupo PET Química, UFCG

José Carlos Oliveira Santos
Grupo PET Química, Professor Titular, UFCG

RESUMO
A automedicação é um hábito muito comum presente na nossa sociedade e traz consigo diversos riscos para a nossa saúde. Neste estudo, nós alunas de licenciatura em Química que participamos do PET-Química (Programa de Educação Tutorial de Química) analisamos o conhecimento de alguns alunos da Instituição de ensino Escola Cidadã Integral Orlando Venâncio dos Santos, localizada no município de Cuité na Paraíba, sobre os perigos da automedicação e os fatores que influenciam a essa prática. Os resultados evidenciaram a necessidade de maior conscientização sobre o tema. A falta de orientação médica e a crença na inofensividade de alguns medicamentos foi apontado como o principal motivo para a automedicação. Conclui-se que é essencial promover as boas práticas de saúde e a busca por informações confiáveis são essenciais para reduzir essa prática e prevenir complicações de saúde.

Palavras-chave: Ensino de Química, Cidadania, Contextualização.

1 INTRODUÇÃO

Os medicamentos são extremamente importantes para a sociedade, principalmente nos dias atuais, eles surgiram nos primórdios da civilização na incansável busca por tratar as doenças, o uso de plantas medicinais, por exemplo, é relatado desde o antigo, porém no século XIX, conhecido pela era das revoluções, que ocorreu as primeiros relatos no sucesso para isolar os princípios ativos de plantas medicinais potencializando assim a sua eficácia, daí então o salto na indústria farmacêutica foi gigantesco e cada vez mais os medicamentos presentes na sociedade e seu uso cada vez mais comum (Calixto; Siqueira Junior, 2008). Já no século atual, no cotidiano da sociedade moderna é comum escutarmos a frase: “estou com dor de cabeça, vou tomar um remedinho para ver se passa”, isso

evidencia um hábito que está bastante presente e na maioria das vezes o fazemos sem refletir sobre, inclusive sem levar em conta os riscos, esse hábito é a automedicação, ato que é preferível ao invés de uma consulta médico e é considerado como um uso indiscriminado de medicamento podendo ocasionar riscos diretos e indiretos à saúde (Clebison *et al.*, 2020; Silva; Giugliani, 2004). Além disso, o aumento do uso de medicamentos pela população brasileira é influenciado por diversos fatores, como o crescimento dos casos de transtornos de humor, a busca pelo aumento da expectativa de vida, a elevação da incidência de doenças crônicas, o surgimento de novas e antigas doenças transmissíveis, além das enfermidades relacionadas à degradação e poluição ambiental. Somam-se a esses fatores o crescente investimento financeiro do governo, que busca assegurar o acesso da população aos serviços de saúde (Silva et al., 2020)

A automedicação, embora seja um hábito comum, e que a sua intenção seja aliviar os sintomas e promover o alívio ou a cura dos sintomas, essa prática pode trazer sérios riscos para a saúde humana, como por exemplo, mascarar os sintomas importantes de outras doenças, bem como podendo dificultar diagnósticos precisos, gerar interações medicamentosas perigosas e até mesmo levar à intoxicação. Além disso, o consumo indiscriminado de antibióticos, por exemplo, contribui para o aumento da resistência bacteriana, tornando as infecções mais difíceis de serem tratadas. “Segundo dados da Organização Mundial da Saúde (OMS), as infecções causam 25% das mortes em todo o mundo e 45% nos países menos desenvolvidos. O uso de antimicrobianos para essas situações tem magnitude calculada” (Wannmacher, 2004)

Muitas vezes, o hábito de automedicação está associado à falta de conhecimento dos riscos e à crença de que certos medicamentos são inofensivos. No entanto, é fundamental lembrar que mesmo os remédios mais comuns, como analgésicos e anti-inflamatórios, podem causar efeitos colaterais graves se usados de forma inadequada. Por isso, é essencial promover a conscientização sobre os perigos que a automedicação pode causar e a importância de procurar orientação médica sempre que necessário

O objetivo a atividade na forma de palestra foi a reflexão acerca da temática de automedicação, com a finalidade de promover a conscientização dos alunos sobre a problemática, bem como os riscos causados mediante o uso e a promoção de maneiras para evitar a automedicação.

2 METODOLOGIA

A palestra foi ministrada na Instituição de ensino Escola Cidadã Integral Orlando Venâncio dos Santos, localizada no município de Cuité, Paraíba, e obteve como grupo de interesse os alunos do ensino médio. A palestra teve como tema “Uso indiscriminado de medicamentos”, tendo uma duração de duas horas.

Nez e Santos (2017) concordam que as aulas expositivas são viáveis quando tem-se o interesse de propagar saberes em tempo reduzido. Com essa afirmação, é viável que a palestra foi bem articulada e compreendida pelo público alvo, mesmo tendo pouco tempo de apresentação. A apresentação contou com a colaboração de muitos alunos.

Navas et al. (2020), dizem que as mídias comunicativas estão integradas com o cotidiano. Nesse sentido, ela salienta que é cada vez mais fundamental usufruí-las, a fim de fazer com que o conhecimento seja "acessível e veloz" (Sediyama *et al.,* 2021). Sob essa perspectiva, a divulgação da palestra se deu através das redes sociais, tais como: Facebook, Instagram e WhatsApp, tendo como escopo divulgar e incentivar os alunos da mesma escola a participarem. Os autores Sediyama *et al.,* (2021) falam sobre a abordagem expositiva e dialogada. Ele fomenta que a utilização de aulas expositivas e dialogadas como método de ensino é imprescindível. Com esse propósito, a palestra foi executada com o caráter expositivo e dialogado. A finalidade da palestra discutida foi coagir a contribuição engajada e efetiva dos alunos, além de buscar conscientização dos mesmos. Logo, foi discutido os expositores de conhecimentos gerais sobre uso de medicamentos, exemplificando os motivos que levam a medicação sem prescrição médicas, bem como conhecimentos aprofundados, tais como as reações químicas que ocorrem com o uso indiscriminado de medicamentos, visando compreender um pouco de conhecimentos científico sobre resistência bacteriana, entre outros, impulsionando os alunos a terem interesse na temática.

A palestra em questão utilizou diversos recursos de aprendizagem. Um desses recursos de aprendizagem foi a utilização de um slide informativo. Foi elaborado um slide contendo alguns tópicos acerca do tema da palestra, bem como imagens ilustrativas e conteúdo integrados à temática envolvendo a química, tal qual a classificação dos medicamentos, toxicidade e efeitos nocivos, entre outros, assim, o uso dos slides como forma de exposição da temática promoveu de forma relevante ao enfoque da palestra, expandindo o conhecimento dos alunos de ensino médio sobre os perigos da automedicação, instruindo-os ao uso adequado.

Nesta exploração, o questionário aplicado foi de cunho quantitativo para avaliação de dados estatísticos acerca da palestra apresentada aos alunos. Günther (2006) fala que a metodologia quantitativa confirma a uniformidade dos resultados obtidos. Assim, por meio desta, houve o entendimento dos dados obtidos no questionário. Tal questionário avaliativo teve a finalidade de avaliar o grau de conhecimentos da palestra, bem como a qualidade.

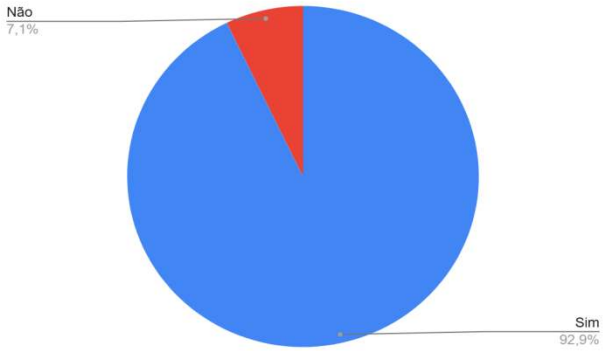
A mesma avaliação foi respondida pelos alunos participantes, contendo um total de dez perguntas com a exploratória acerca da importância de utilizar-se medicamentos de forma correta, bem como os motivos que induzem os mesmos a tomarem o medicamento por conta própria, efeitos colaterais, entre outros. Tal procedimento foi de extrema importância para o entendimento acerca do conhecimento dos alunos após a palestra e e subsequentes pesquisas relacionadas à temática.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A automedicação é uma prática comum que pode acarretar riscos significativos à saúde, como efeitos colaterais adversos e resistência a medicamentos. Este estudo investiga a prevalência e os padrões de automedicação entre alunos, analisando suas atitudes e comportamentos em relação ao uso de medicamentos sem prescrição médica.

A Figura 1 demonstra os dados para a seguinte interrogante: “Você já utilizou medicamentos sem prescrição médica?”. Após a explanação do conteúdo durante a palestra, a questão foi formulada para investigar o problema da automedicação e avaliar se os alunos adotam esse hábito. A pergunta ofereceu duas opções de resposta: “Sim” e “Não”.

Figura 1. Uso de medicamento sem prescrição médica por parte dos entrevistados.

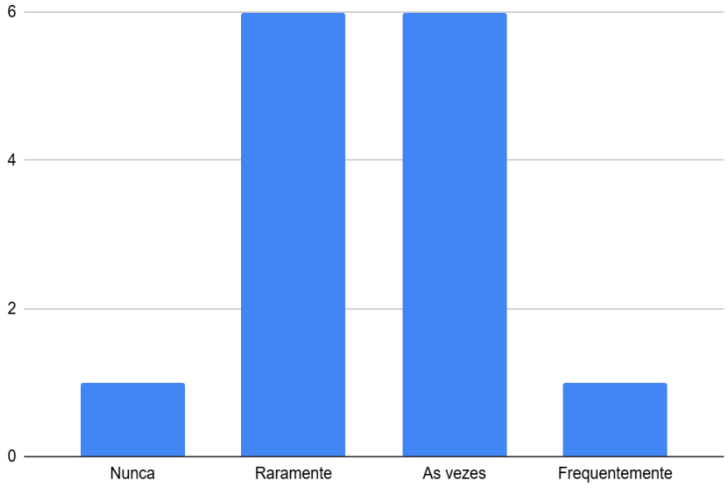


Fonte: Dados da pesquisa, 2024.

Os resultados mostram que 92,9% das pessoas já tomaram medicamentos sem prescrição médica, essa alta taxa de automedicação pode ser explicada pelo acesso ainda facilitado a medicamentos em farmácias, a impressão de segurança em tratar sintomas menores sem orientação médica, e questões como custo e tempo para consultas médicas. Enquanto 7,1% disseram que não tomaram ou tomam medicamentos sem prescrição médica, indicando que alguns alunos possuem uma maior consciência no que tange às consequências do uso indevido de medicamentos e/ou preferem seguir orientações médicas. O uso indevido de medicamentos pode acarretar riscos como efeitos colaterais, diagnósticos incorretos e desenvolvimento de resistência a medicamentos. Esses dados destacam a necessidade de campanhas de educação sobre os riscos da automedicação e a importância de buscar orientação profissional.

A segunda pergunta, que questiona: “Com que frequência você utiliza medicamentos sem orientação de um profissional de saúde?”, é uma ótima maneira de mapear a frequência em que os alunos utilizam medicamentos sem prescrição médica (Figura 2). A pergunta é composta pelas seguintes opções para resposta: “Nunca”, “Às vezes”, “Raramente” e “Frequentemente”, conforme observamos na Figura 2.

Figura 2. Frequência de uso de medicamentos sem orientação de um profissional de saúde.



Fonte: Dados da pesquisa, 2024.

Os resultados mostram que a maioria dos respondentes utilizam medicamentos sem orientação médica em algumas ocasiões, com 6 pessoas indicando uso "raramente" e 6 "às vezes", embora o uso de medicamentos sem orientação médica não seja a prática predominante entre os respondentes, ele ainda ocorre com alguma frequência. A maioria utiliza medicamentos sem supervisão apenas em situações raras ou ocasionais, o que pode sugerir uma consciência dos riscos ou uma preferência por seguir recomendações médicas sempre que possível. Apenas 1 pessoa relatou usar medicamentos sem orientação "frequentemente", enquanto 1 nunca o faz. No entanto, a existência de alguns casos de uso mais frequente destaca a necessidade de intensificar a educação sobre os perigos da automedicação e a importância de buscar orientação profissional.

A Figura 3 apresenta os dados para a pergunta “Quais motivos te levam a tomar medicamentos por conta própria?” com o propósito de identificar os motivos que levam estes alunos a tomarem medicamentos sem a prescrição de um profissional da saúde. A pergunta apresentou as seguintes alternativas: “Alívio rápido da dor ou desconforto”, “ Sugestão de amigos ou familiares” e “Evitar ir ao médico”.

Figura 3. Motivos que levam os entrevistados a tomar medicamentos por conta própria.



Fonte: Dados da pesquisa, 2024.

Os resultados mostram que a principal razão para tomar medicamentos por conta própria é o alívio da dor, citado por 9 pessoas. Outros motivos incluem a sugestão de amigos ou familiares, mencionado por 3 pessoas, e a intenção de evitar a consulta médica, também relatada por 3 pessoas. Esses dados sugerem que muitos optam pela automedicação principalmente para tratar dores, indicando que isso é uma estratégia prática para lidar com sintomas comuns. A influência de amigos e familiares e o desejo de evitar consultas médicas também são fatores significativos.

De acordo com os dados fornecidos pela quarta pergunta, podemos entender se os alunos já utilizaram antibióticos sem prescrição médica. A pergunta apresenta as alternativas “SIM” e “NÃO”. Os dados mostram que 64,3% dos respondentes não usaram antibióticos sem prescrição médica, enquanto 35,7% o fizeram. A maioria adota uma prática responsável, indicando uma boa compreensão dos riscos associados ao uso indevido de antibióticos. No entanto, a proporção significativa de uso não supervisionado sugere a necessidade de reforçar a educação sobre os perigos da automedicação e promover o uso correto dos antibióticos.

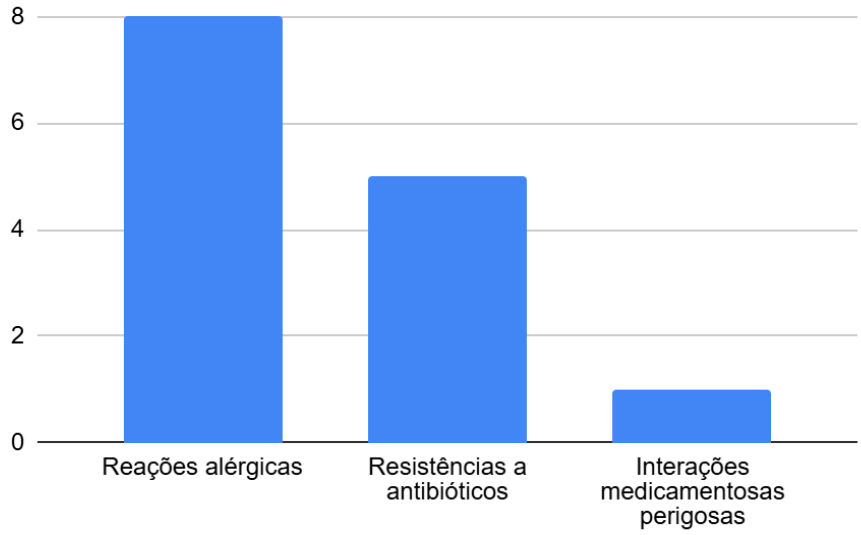
Ao analisar a distribuição das respostas em porcentagens para "SIM" e "NÃO" em relação à pergunta: "Você está ciente dos riscos associados ao uso indiscriminado de medicamentos, como antibióticos?", os dados revelam que 92,9% dos respondentes estão cientes dos riscos associados ao uso indiscriminado de medicamentos, como antibióticos, enquanto 7,1% não estão cientes. Isso indica uma alta conscientização sobre os perigos da automedicação e dos antibióticos, como resistência bacteriana e efeitos colaterais. No entanto, a pequena proporção de indivíduos que não tem essa consciência destaca a necessidade contínua de educação sobre os riscos da automedicação para garantir que todos estejam informados e possam adotar práticas de saúde seguras. Podemos comparar esses resultados com os dados anteriores que possuem as mesmas porcentagens.

Ao analisar os dados da sexta pergunta, que faz a seguinte indagação: “Quando você compra medicamentos, lê a bula para entender os efeitos colaterais e contra-indicações?”, é possível avaliar o nível de conscientização e comportamento dos indivíduos em relação ao uso de medicamentos. Os resultados mostram que 12 alunos (85,7%) leem a bula dos medicamentos para entender os efeitos colaterais e contra-indicações, enquanto 2 alunos (14,3%) não o fazem. Isso revela que a maioria dos alunos se preocupa com a segurança ao usar medicamentos, indicando um comportamento responsável. Entretanto, é importante reconhecer a necessidade de enfatizar a importância de consultar as bulas para prevenir riscos à saúde, especialmente para a pequena parcela de pessoas que não lê essas informações. A leitura das bulas é primordial para garantir a segurança e eficácia do tratamento.

A questão "Você já percebeu algum efeito colateral ao tomar medicamentos sem orientação médica?”, oferece as alternativas "SIM" e "NÃO". Os dados indicam que 64,3% dos respondentes não perceberam efeitos colaterais ao tomar medicamentos sem orientação médica, enquanto 35,7% relataram ter experimentado efeitos adversos. Evidenciando que, embora a maioria não tenha notado efeitos negativos, uma proporção significativa enfrentou problemas, o que destaca a importância de buscar orientação médica antes de usar medicamentos. A ocorrência de efeitos colaterais em uma parte considerável dos respondentes reforça a necessidade de conscientização sobre os riscos associados à automedicação.

Na Figura 4, que apresenta as respostas à pergunta “Em sua opinião, quais são os principais riscos de tomar medicamentos sem orientação profissional?”, observa-se uma diversidade nas percepções dos alunos sobre os riscos associados ao uso de medicamentos sem a orientação de profissionais de saúde.

Figura 4. Concepções dos entrevistados sobre os principais riscos de tomar medicamentos sem orientação profissional.



Fonte: Dados da pesquisa, 2024.

Os dados revelam uma clara conscientização sobre os riscos associados ao uso de medicamentos sem orientação profissional. A maior preocupação identificada foi com as reações alérgicas com 8 alunos escolhendo essa opção, o que evidencia um foco nas consequências imediatas e visíveis que podem surgir. A resistência a antibióticos, mencionada por um número significativo de respondentes (5 estudantes), sublinha a necessidade de promover o uso responsável desses medicamentos. Embora a preocupação com interações medicamentosas tenha sido menos frequente, ainda é uma questão importante, implicando na necessidade de entender as possíveis interações entre diferentes medicamentos. Esses dados destacam a importância de buscar orientação profissional ao tomar medicamentos, não apenas para evitar efeitos adversos imediatos, mas também para prevenir problemas de longo prazo, como a resistência a antibióticos e interações medicamentosas perigosas.

Os dados obtidos sobre a questão “Você já foi informado por um profissional de saúde sobre os perigos do uso indiscriminado de medicamentos?” mostram que 57,1% dos respondentes afirmaram que sim, foram informados, enquanto 42,9% disseram que não receberam essa orientação. Esses dados sugerem a necessidade de reforçar a educação e a comunicação sobre o uso responsável de medicamentos. A lacuna identificada entre os que foram e os que não foram informados sublinha a importância de garantir que todos os pacientes recebam orientação adequada. Aumentar a conscientização e fornecer informações claras sobre os riscos do uso indiscriminado de medicamentos é uma responsabilidade crucial dos profissionais de saúde. Esse esforço pode contribuir significativamente para promover práticas mais seguras e aprimorar a saúde pública.

Os dados da pergunta “Após responder a este questionário, você considera mudar sua atitude em relação ao uso de medicamentos sem prescrição?” mostram que 85,7% dos respondentes afirmaram que “SIM”, consideram mudar sua atitude, enquanto 14,3% disseram que “NÃO”, não consideram uma mudança de maus hábitos em relação aos uso de medicamentos. Estes dados indicam que iniciativas de educação e conscientização sobre o uso seguro de medicamentos têm um impacto positivo na mudança de atitudes dos indivíduos. A alta porcentagem de pessoas dispostas a reconsiderar suas práticas destaca a eficácia da palestra de conscientização em transmitir informações importantes e influenciar o comportamento. Entretanto, a persistência de uma minoria que não pretende mudar sua atitude sublinha a necessidade de abordagens contínuas e diversificadas para educação em saúde. Incluindo mais campanhas de conscientização, diálogo aberto com profissionais de saúde e acesso a recursos educativos adicionais para garantir que todos os indivíduos entendam a importância de usar medicamentos de forma segura e responsável.

Os resultados revelam uma prevalência significativa de automedicação entre os alunos, com a maioria recorrendo a medicamentos sem prescrição em algumas ocasiões. Os principais motivos para essa prática incluem a busca por alívio rápido da dor, a influência de amigos e familiares, e a tentativa de evitar consultas médicas. Apesar de uma boa parte dos alunos não ter utilizado antibióticos sem

orientação, ainda existe um número considerável que o faz, evidenciando a necessidade de intensificar a educação sobre o uso seguro desses medicamentos.

A conscientização sobre os riscos da automedicação é elevada, com a maioria dos alunos reconhecendo os perigos associados. Embora a maioria leia as bulas dos medicamentos, uma pequena parcela não adota essa prática, destacando a importância de promover e reforçar a leitura das informações contidas nela para garantir o uso seguro de medicamentos.

A maioria dos alunos expressou disposição para reconsiderar suas práticas em relação ao uso de medicamentos após o questionário, evidenciando a eficácia das iniciativas de conscientização. No entanto, uma parte menor ainda não pretende alterar seus hábitos, o que ressalta a necessidade de estratégias contínuas e variadas para promover o uso seguro de medicamentos. Estes resultados sublinham a importância de campanhas educacionais e do papel crucial dos profissionais de saúde na orientação sobre práticas responsáveis, com o objetivo de melhorar a saúde pública e mitigar os riscos associados à automedicação.

4 CONCLUSÃO

Considerando os dados obtidos nos questionários, foi concluído que a palestra intitulada de “O uso indiscriminado de medicamentos” relatou resultados satisfatórios referente às respostas dos estudantes, indicando a significância de tal problemática. Tendo isso em conta, o presente trabalho mostrou a relevância de se abordar tal temática, sendo imprescindível o contínuo estudo sobre o mesmo para continuar a conscientização da população acerca do tema.

A propagação da administração própria de medicamentos na comunidade tem se tornado popular e de fácil acesso na nossa sociedade e, nesta linha, o PET-QUÍMICA, tem sido um instrumento para propagação de informações construtivas, fazendo um elo entre a química e o uso de medicamentos, a fim de mediar os temas e alertar os alunos acerca da temática, destacando a importância de avaliações médicas constantes e o uso correto dos medicamentos prescritos pelos profissionais de saúde, evitando problemas futuros, como por exemplo, a resistência bacteriana.

Por conseguinte, as palestras informativas demonstraram-se eficientes na área pedagógica de ensino, para sensibilizar o público alvo da palestra, que são adolescentes, no qual podem estar sujeitos a situações análogas, com a intenção de tomarem consciência dos riscos à saúde mediante a esse tipo problema. Nesse sentido, trabalhar tais desafios são essenciais para prevenção da automedicação, evidenciando a pertinência em explorar temas como o mencionado de forma lúcida e objetiva.

AGRADECIMENTOS

Os autores agradecem a UFCG / MEC/ FNDE pelo apoio financeiro ao desenvolvimento das atividades descritas neste trabalho.

REFERÊNCIAS

CALIXTO, J. B.; SIQUEIRA JUNIOR, J. M. Desenvolvimento de medicamentos no Brasil: desafios. Gazeta Médica da Bahia, v. 78, supl. 1, p. 98-106, 2008.

DA SILVA, C. H.; GIUGLIANI, E. R. J. Consumo de medicamentos em adolescentes escolares: uma preocupação. Jornal de Pediatria, v. 80, n. 4, p. 326-333, 2004.

GÜNTHER, H. Pesquisa qualitativa versus pesquisa quantitativa: esta é a questão?. Psicologia: Teoria e Pesquisa, v. 22, n. 2, p. 201-209, 2006.

NAVAS, A. L. G. P.; BERTI, L.; TRINDADE, E. R.; LUNARDELO, P. P. Divulgação científica como forma de compartilhar conhecimento. Codas, v. 32, n. 2, p. 1-3, 2020.

SEDIYAMA, C. M. N. O.; DIAS, M. M.; MENDONÇA, É. T.; PEDRETTI, P. A. H.; RAMOS, D. H. S.; CASTRO, E. G. Aula expositiva dialogada: um relato sobre essa abordagem em uma campanha do outubro rosa. Revista Eletrônica Acervo Saúde, v. 13, n. 5, p. 7718, 2021.

SILVA, J. C. S.; SOUZA, F. C. R.; AOYAMA, E. A. A incidência do uso indiscriminado de medicamentos. ReBIS – Revista Brasileira Interdisciplinar de Saúde, v. 2, n. 1, p. 95-99, 2020.

WANNMACHER, L. Uso indiscriminado de antibióticos e resistência microbiana: uma guerra perdida? Ciência & Saúde Coletiva, v. 1, n. 4, p. 01-06, 2004.